

Theo Bial abraça
o cancionista de
Chico Buarque

PÁGINA 3



O anti-herói
Spawn 'toca o
terror' nas bancas

PÁGINA 14



Doces juninos
inspiram menus
Rio adentro

PÁGINA 16



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Acervo Fundação Progresso e Laura Proto/Divulgação



Alceu no Arraiá do ano passado; o Mombojó lançou 'Carne de Caju', com repertório 100% do pernambucano

Alceu Valença comanda o Arraiá da Fundação e o Mombojó apresenta ao vivo o premiado álbum 'Carne de Caju', todo feito de releituras do compositor

Alceu ou Alceu, e IS à questão?

Por Affonso Nunes

Antes que se pense que o cantor e compositor pernambucano de São Bento do Una se materializou em dois convém explicar. Admiradores da obra de Alceu Valença tem nesta sexta-feira (14) uma dúvida

cruel. Ou assistem o artista comandando o bailão forrozeiro no Arraiá da Fundação ou escolhem uma ida à acolhedora ladeira das Artes, no Cosme Velho, onde os também pernambucanos do Mombojó apresentam interessantes releituras do cancionista valenciano grava-

das no excelente álbum "Carne de Caju".

Abrindos a temporada de festejos juninos na cidade, Alceu Valença apresenta o show "Meu Querido São João", com abertura de DJ Xelexéu e encerramento do bloco Amigos da Onça. Com mais de 20

anos de tradição, o baile junino na Fundação tem decoração temática, barraquinhas com quitutes, jogos e brincadeiras com a participação do público. No palco, Alceu mostra o melhor de seu vasto repertório em xotes, forrós, baiões, toadas e embo-ladas – gêneros surgidos no agreste e no sertão do Brasil profundo, assimilados diretamente da fonte pelo cantor, nas festas, feiras e alto-falantes de sua São Bento do Una natal. Sob esta influência, revisitada em sua faceta sonora mais universal, Alceu mostra sucessos de sua lavra, como "Coração Bobo", "Cabelo no Pentê", "Tropicana", "Táxi Lunar", "Belle de Jour", "Anunciação", "Girassol" e "Pelas Ruas Que Andei", sempre presentes nas festas juninas mais antenadas de nosso tempo.

Tão antenadas que influenciam as novas gerações. Exemplo vivo desse magnífico legado é o grupo recifense Mombojó, que incorpora em suas composições elementos de maracatu, frevo, afoxé, coco, ciran-

da e outros ritmos afro-brasileiros, combinados com batidas eletrônicas, samples e sintetizadores.

Essa fusão inovadora funcionou mais do que bem no álbum "Carne de Caju", que ressignifica o canção de Alceu com arranjos surpreendentes. O trabalho é o sétimo disco de estúdio da banda e o primeiro não autoral em mais de 20 anos de carreira. "Sentimos que essas composições se adaptaram bem ao nosso jeito de tocar e principalmente porque adoramos esse repertório. Visitar o trabalho de Alceu é mergulhar nas raízes profundas de nossa herança musical", comenta o vocalista Felipe S.

E a química funcionou: o Mombojó acabou conquistando na noite de quarta-feira o Prêmio da Música Brasileira na categoria Melhor Grupo.

Ou seja, no sábado para se esbaldar na Fundação com o bailão forrozeiro de Alceu e viajar em novas sonoridades através de seus maiores sucessos com a levada do Mombojó.

SERVIÇO

ARRAIÁ DA FUNDAÇÃO COM ALCEU VALENÇA

Fundação Progresso (Rua dos Arcos, 24) | 14/6, a partir das 20h (abertura dos portões) | Ingressos: R\$ 240 e R\$ 120*

MOMBOJÓ - CARNE DE CAJU

Galpão Ladeira das Artes (Rua Conselheiro Lampreia, 225 - Cosme Velho) | 14/6, às 20h30 | Ingressos: R\$ 80 e R\$ 50* |

*Levando 1 kg de alimento não-perecível para doação

CORREIO CULTURAL

André Abujamra bebe da inspiração pop



Divulgação

O Rádio Novelo Apresenta foi criado em 2022

Podcast vira livro com histórias e reportagens variadas

Do podcast para o papel. Assim é a coleção Plaquetes Rádio Novelo Apresenta, que a Janela Livraria e a editora Map Lab lançam nesta sexta-feira (14), às 19h, no Cinema Estação NET Gávea, no Shopping da Gávea, com um bate-papo conduzido por Branca Vianna sobre o processo de criação dos roteiros.

A coleção reúne histórias veiculadas pelo podcast, lançada em 2022. As reportagens abordam variados temas, desde a identidade do jornalista chamado de burro por Caetano Veloso em um programa de TV nos anos 1970 até os diários que um pai escreveu contando o dia a dia de seus filhos a partir do nascimento deles.

Calote

Joshua Leonard, Heather Donahue e Michael C. Williams, atores de "A Bruxa de Blair" (1999), criticam o estúdio Lionsgate por excluí-los do recomeço da franquia e solicitou pagamentos retroativos e futuros por sua participação no primeiro filme.

Livros para o RS

Professores do grupo RedeLê, em parceria com a Associação Quatro Cinco Um, vão coletar livros durante a Feira do Livro de SP para reconstruir acervos de bibliotecas escolares e comunitárias do Rio Grande do Sul impactadas pelas enchentes.

Preconceito

Após lançar "Serenata da GG", álbum de pagode, Gloria Groove recebeu uma chuva de elogios nas redes. Mas, também teve que enfrentar as críticas à sua entrada no gênero, que não é tradicionalmente representativo entre a comunidade LGBTQIA+.

Bruno 'Gaúcho'

Bruno Mars fará um pequeno show no Brasil, sem venda de ingressos, a convite da Budweiser. Os convites serão sorteados entre os fãs que fizerem doações à campanha pela reconstrução do Rio Grande do Sul, liderada pela ONG Ação da Cidadania.

Agora vivendo no Rio, o multiartista experimenta uma nova fase em sua criação musical

André Abujamra é mais um carioca nosso, depois que se mudou de São Paulo para o Rio. E nesta nova etapa de vida, também lançou single novo, o "Mundo Lindo", que dá nome ao show que retorna ao Manouche neste sábado (15), com participação de Paulinho Moska.

Parceria de Abujamra com seu produtor e amigo de longa data Aguinaldo Rocca, "Mundo Lindo" é o primeiro single de um futuro álbum em que o artista pretende apresentar um lado mais leve e suave de seu universo criativo, com sotaque menos conceitual e mais pop. Atualizando texturas musicais dos anos 1980/1990, a letra traduz a vontade de sair da polaridade e encontrar um denominador comum para viver em paz e harmonia. Toda produção musical foi feita em seu novo estúdio em terras cariocas.

O Rio sempre recebeu muito bem o trabalho de Abujamra, seja como artista, como ator, compositor de trilhas de cinema e teatro. "Aqui é um lugar onde os encontros e as trocas criativas acontecem de maneira espontânea e isso faz muito bem para minha arte", elogia o cantor e compositor.

Abujamra chega também com sua nova banda formada por músicos cariocas: Jr. Tostoi (guitarra), Jongui (bateria), Marcos Suzano (percussão) e Pablo Arruda (baixo). No repertório seu single novo "Mundo Lindo", claro, e algumas



Índio San/Divulgação

André Abujamra: 'Aqui é um lugar onde os encontros e as trocas criativas acontecem de maneira espontânea'

novidades de seu futuro disco solo e outras músicas suas mais conhecidas "O Mundo", "Elevador", "Duvião", "Imaginação" e "Juvenar".

Abujamra traz no sangue a necessidade em provocar a ordem vigente. Em mais de 40 anos de carreira se firmou como um dos grandes artistas criativos do Brasil. Multiartista, é cantor, compositor, guitarrista, percussionista, pianista, produtor musical, ator, diretor de teatro e cinema. Ao lado de Maurício Pereira fez parte nos anos 1980 da dupla Mulheres Negras e em 1994 estreou como líder, guitarrista e vocalista da banda Karnak, cujo disco de estreia foi considerado pela revista americana Rolling Stones entre os melhores lançamentos da década de 1990.

Seus projetos de discos solo incluem "O Infinito de Pé" (2004), "Mafaro" (2010), "O Homem Bruxa" (2015), "Omindá" (2018) e "Emidoinã" (2020). André com-

pôs trilhas sonoras para mais de 75 filmes brasileiros, alguns consagrados como "Carandiru", "Bicho de Sete Cabeças" e "Castelo Ratimbum". Como ator já participou de vários longas, entre eles "Os 7 Prisioneiros" (Netflix), "Clube dos Anjos" (Angelo Defanti), "Sábado" (Ugo Georgetti), "Durval Discos" e "Proibido Fumar" (ambos dirigidos por Anna Muylaert).

SERVIÇO

ANDRÉ ABUJAMRA - MONDO LINDO Manouche (Rua Jardim Botânico, 983 - subsolo da Casa Camolese) 15/6, às 21h Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (ingresso solidário com um quilo de alimento não perecível ou livro - estudante, meia entrada e idoso que será doado para os abrigados do Rio Grande do Sul)

Homenagem ao mestre da canção

Theo Bial leva ao Blue Note show em tributo aos 80 anos de Chico Buarque

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

“A MPB não seria a mesma sem Chico Buarque! A grandeza de sua obra e sua ligação com o universo do samba e do Rio são minhas fontes de inspiração desde menino. Nesse meu novo show, exploro meu lado de intérprete de algumas de suas músicas que amo e é uma felicidade conseguir

estrear poucos dias antes do Deus da música completar 80 anos. Na verdade, sou eu quem vai ganhar o presente que será dedicado ao Chico, é claro.” É assim que Pedro Bial, jovem cantor e compositor, anuncia a estreia de “Theo Bial canta Chico Buarque”, no Blue Note Rio, neste domingo (15), às 20h.

No repertório estão “Eu te Amo”, “Anos Dourados”, “Grande Hotel”, “Ela faz Cinema”, “Vai Passar”, “Homenagem ao Malandro”, dentre outros clássicos garimpados



Fernanda Assis/Divulgação

Theo escolheu as canções com as quais mais se identifica

por Theo em pesquisa nos essenciais songbooks produzidos por Almir Chediak.

O cantor revela que não poderia deixar de fora as canções com as

quais mais se identifica na condição de intérprete. A direção é de Analimar Ventapane e a banda que acompanha o músico é formada por três percussionistas (Raoni Ventapane,

Guido Ventapane e Kaká Nomura), Guilherme Salgueiro (contrabaixo), Felipe Miranda (flauta) e o próprio Theo na voz e violão.

“A escolha por três percussões no lugar de uma bateria foi minha e do Raoni com o intuito de aproximar a Bossa Nova e o Samba, duas das minhas paixões e também muito presentes na arte de Chico Buarque”, explica.

Theo Bial estreou na música há seis anos. De lá pra cá, lançou três álbuns e diversos singles, totalizando um montante de mais de 3 milhões de plays no Spotify. O músico canta, compõe, tem o amor como inspiração e o violão como principal instrumento. Amante da MPB, o artista já se apresentou em festivais de música e em palcos importantes como o Circo Voador.

SERVIÇO

THEO BIAL CANTA CHICO BUARQUE

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910, Copacabana) | 15/6, às 20h
A partir de R\$ 60

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Duda pra dançar

Duda Beat volta às lonas do Circo Voador nesta sexta-feira (14) para apresentar seu aguardado e dançante novo álbum “Tara & Tal”. Lançado em abril, o disco tem potencial para jogar o povo na pista da primeira à última faixa. Terceiro álbum da artista e sucessor dos festejados, “Sinto Muito” de 2018, e “Te Amo Lá Fora”, de 2021, o disco soma diferentes estilos, referências e épocas e não renuncia aos beats dos anos 90 e 00s.

Divulgação



City and Colour

City and Colour é o pseudônimo do cantor e compositor canadense Dallas Green, que também é guitarrista, vocalista e um dos fundadores da celebrada banda de post-hardcore Alexisonfire. O artista se apresenta no Vivo Rio nesta sexta-feira (14) o show da turnê do novo disco “The Love Still Held Me Near”. É a terceira vez que o artista se apresenta na cidade, onde fez shows em 2015 e 2016, ambos com iniciativa do Queremos!.

Divulgação



Roupa de amor

Mais de 20 milhões de cópias vendidas, 38 discos lançados e 35 temas de novela, é assim que a banda Roupa Nova segue em 2024 com números que impressionam e shows cada vez mais lotados. Não será diferente neste sábado (15) em que a banda se apresenta, a partir das 21h, no Qualistage. O repertório romântico foi pensado especialmente para esta semana dos namorados. Os ingressos já estão esgotados.

Divulgação



Samba inclusivo

A roda de samba inclusiva Sambahy chega ao Teatro Rival Petrobras nesta sexta-feira (14). No palco, o cantor Rodrigo Drade comanda os vocais com sambas e pagodes e nesta apresentação o grupo recebe o cantor Marcos Sacramento. O Sambahy quebra barreiras e fortalece os laços da comunidade LGBTQIAPN+, fazendo com que pessoas de diferentes identidades de gênero e orientações sexuais se conectem ao samba.

Uma noite oitentista no Morro da Urca

Biquini e Leo Jaime apresentam neste sábado dois shows completos resgatando seus maiores sucessos

Por Affonso Nunes

Quem viveu os anos das décadas de 1980 e 1990 sabem da importância que o Morro da Urca tem para a geração de músicos que se destacaram naquela época, principalmente a turma do rock brasileiro. O Biquini (ex-Cavado) e Leo Jaime são legítimos representantes dessa época e neste sábado (15) apresentam dois shows completos no anfiteatro localizado no Parque do Bondinho, dentro da programação do projeto Rock no Morro Com visão privilegiada da cidade, o público vai viajar no tempo emba-

lado por canções inesquecíveis.

São quase quarenta anos ininterruptos e com a formação original. Bruno Gouveia, Miguel Flores da Cunha, Carlos Coelho e Álvaro Birita chegam com o show da turnê “Vou Te Levar Comigo”.

O título remete à canção de sucesso de 2005 e, ao projeto que a banda vem fazendo em colaboração com diversos artistas que, em comum, diferem do segmento pop rock da banda. Já tiveram como convidados Péricles, Matheus e Kauan, Fagner e até o apresentador Alex Escobar. No repertório do projeto, alguns



Divulgação

O Biquini tem a mesma formação desde sua criação

clássicos da banda como a já ciata “Vou Te Levar Comigo”, “Tédio” e “Dani”. Outros lançamentos já estão previstos para este ano.

E os grandes sucessos do grupo, que passa uma energia vibrante no palco, não ficarão de fora. Bruno Gouveia, o vocalista conta que todos estão naquele “clima de esquentar para 2025”, quando

grupo completará a simbólica marca de 40 anos de estrada.

O Biquini, para quem não sabe, teve seu nome sugerido por Herbert Vianna. Foi o líder do Paralamas que indicou o grupo para fechar seu primeiro contrato com a gravadora EMI-ODEON.

Já o eclético Léo Jaime não

faz por menos e com seu carisma abre a noite pinçando preciosidades de sua discografia, iniciada ainda no tempo em que era fazia parte de hilária João Penca e Seus Miquinhos Amestrados. Gente boa por vocação e exímio contador de histórias, Leo fez sucesso não apenas como cantor mas como compositor, acumulando parcerias com a fina flor do pop rock brasileiro como Cazuzza - reza a lenda que foi Leo quem indicou Cazuzza para o Barão Vermelho quando Frejat, Maurício Barros e Guto Goffi procuravam um vocalista - e Leoni. Com este último, Leo criou os hits “Teletema” e “Fórmula do Amor”, que estourou ao ser incluída da trilha sonora da sitcom “Malhação” (TV Globo), da qual Leo faria parte anos mais tarde como ator.

SERVIÇO

BIQUINI / LEO JAIME
Morro da Urca (Av. Pasteur, 520)
15/6, a partir das 22h
(abertura do bondinho)
Ingressos: R\$ 200 e R\$ 100 (meia)

CRÍTICA / DISCO / COCHICHO NO SILÊNCIO VIRA BARULHO, IRMÃ

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje, vamos de “Cochicho no Silêncio Vira Barulho, Irmã”, o álbum duplo de Verônica Ferriani que tem 18 faixas mais duas de bônus e cujo título subdivide-se em dois: “Cochicho no Silêncio” (com oito faixas) e “Vira Barulho, Irmã” (com dez). Com exceção de três músicas, Verônica Ferriani assina todas as composições.

Um esmerado trabalho musical, em tom quase confessional, que explicita sua trajetória de compositora e cantora. Ela divide o feito com 30 musicistas que, assim como ela, fazem da música propósito de vida. Dentre elas estão as cantoras Áurea Martins, Alessandra Leão, Anais Sylla, Flávia Maia, Mairah Rocha, Assucena, Mônica Salmaso, Flaira

Ferro, Lurdez da Luz e Giana Viscardi.

“Cochicho no Silêncio Vira Barulho”, Irmã” (<https://www.youtube.com/watch?v=E9hUGiERlGc>), de Verônica Ferriani: um vozerio antecede a entrada de Verônica recitando a letra como num rap. Eis que vem Áurea Martins, e as duas cantam em terças, tendo Samara Líbano no violão 7 cordas e Victória dos Santos no chocalho, cuíca, prato e faca, tamborim, conga, tantan e repique de anel.

Relembrando o sonho que Alessandra Leão teve quando Verônica estava grávida, mas sem saber que ela havia perdido o bebê havia poucas semanas, e com a voz pungente, acompa-

Um trabalho exuberante

Divulgação



nhada apenas pelo som do ylus de Alessandra, Verônica canta “Nao Me Contento” (<https://www.youtube.com/watch?v=K2WTeLGNVQ>), também de Verônica: “Hoje eu sonhei/ Que me banhava na cachoeira cavalaria/ Rios inteiros me conduziam onda em ressaca/ Cavalos arredio/ Era aguaceiro de

mar e de rio (...)”. Logo Verônica e Alessandra cantam em duo. Um intermezzo do teclado vem apoiado pelo bombo e reco-reco de Victoria dos Santos e o caxixi de Alessandra.

Do segundo álbum selecionei “Blue Moon” (<https://www.youtube.com/watch?v=IPx4Sv9LT3U&t=3s>), outra autoral. (Vocês não imaginam como é difícil escolher uma em detrimento de outras mercedoras de linhas e mais linhas que alinham tão imensurável beleza. Mas vamos lá.) “Blue Moon” é um desabafo sobre a sensualidade que pode parecer perdida após a maternidade e o dia a dia da mulher que batalha dezoito horas por dia, cuidando da casa,

das crias e trabalhando. Verônica, além de ótima compositora, é uma excelente cantora, e não faz por menos.

Acompanhada por Alana Ananias (bateria), Aline Falcão (teclado), Suelem Sampaio (harpá sinfônica) e Vanessa Ferreira (baixo acústico), ela brilha: “Me sorriu dizendo/ Que eu rio meio azul/ Que eu ando meio mar/ Que andei me deixando levar um verde meio blue/ Num raio tropical/ Brilhou desde que te vi (...)”.

Amparada por um trabalho dinâmico, Verônica Ferriani se destaca por suas escolhas acertadas que a qualificam como uma artista que merece ter reconhecido o seu trabalho pelo grande público que ama música. Salve ela!

*Vocalista do MPB4 e escritor



CENTRO
CULTURAL
SESC
QUITANDINHA

dos brasis

arte e pensamento negro

Uma das mais expressivas exposições de arte afro-brasileira já realizada no país chega ao Rio de Janeiro.

São obras de 241 artistas negros do fim do século XVIII até o século XXI de todos os estados do Brasil. Esperamos por você.

Até 27/10/2024

De terça a domingo, das 10h às 17h.
Centro Cultural Sesc Quitandinha,
Petrópolis - RJ

Entrada gratuita

Confira a programação completa:
ccsq.org.br



Jards Macalé, Xande de Pilares e Choro na Rua brilham no PMB

Compositor, sambista e coletivo de choro são os maiores vencedores da noite de gala da MPB, com duas estatuetas cada

Por Affonso Nunes

O 31º Prêmio da Música Brasileira premiou na noite desta quarta-feira (12), no Theatro Municipal, os principais nomes do mercado fonográfico nacional. Os maiores premiados nas 32 categorias foram Jards Macalé, Xande de Pilares e o grupo Choro na Rua, que levaram duas estatuetas para casa. No total, foram 12 mil inscritos, revelou José Maurício Machline, criador do PMB, na abertura dos trabalhos.

Jards venceu em Melhor Álbum de MPB com seu excelente “Coração Bifurcado” e como Melhor Intérprete de MPB pela faixa “Mistérios do Nosso Amor” (Jards Macalé / Ronaldo Bastos) em que dividiu os vocais com Maria Bethânia.

Xande saiu consagrado do 31º PMB com seu álbum “Xande Canta Caetano”, premiado como Melhor Disco de Samba e como Melhor Intérprete de Samba. Em entrevista no hall, antes da premiação, o sambista agradeceu a Caetano Veloso, Paula Lavigne e a Pretinho da Serrinha (produtor do álbum) pela oportunidade de levar a obra do compositor baiano a um alcance ainda maior.

Já o Choro na Rua, liderado pelo trompetista e compositor Silvério Pontes, venceu nas categorias Melhor Grupo Instrumental e Revelação Regional. A proposta do conjunto, criado em 2016, é levar a magia da roda de choro para um público maior, ocupando espaços urbanos.

Como acontece anualmente, o Prêmio da Música Brasileira reverencia obra de um grande nome de nossa música e desta vez o homenageado foi Tim Maia (1942-1998). “Toda música brasileira é preta”, disse Regina Casé, a apresentadora da premiação.

Os anúncios dos premiados eram intercalados com números musicais em que diversos artistas interpretavam canções de Tim, sob a direção musical de Pretinho da Serrinha.

Criolo, Jota.Pê, Yan Cloud e Lazzo abriram os trabalhos cantando “Gostava Tanto



Fotos Larissa Kreilli/PMB

O coletivo Choro na Rua, Xande de Pilares e Jards Macalé foram os maiores vencedores do 31º PMB, com duas estatuetas cada

de Você”. Em seguida, vieram Mônica Salmaso, Chico César e Alceu Valença que interpretaram “Coroné Antonio Bento”, “Festa de Santo Reis” e “Canários do Reino”. Iza substituiu Seu Jorge e subiu ao palco com Rachel Reis e Melly para cantar faixas dos discos “Tim Maia Racional, Vol 1. e Vol. 2”.

Premiada como melhor intérprete de pop rock, Marisa Monte cantou a romântica “Você”. Ainda no clima, Simone e Ney Matogrosso cantaram “Azul da Cor do Mar” e “Primavera” naquela que foi a performance mais aplaudida da noite. Outro momento muito celebrado foi a presença de Toni Tornado, no auge dos seus 94 anos, em apresen-

tação com Sandra Sá, Negra Li e Sued Nunes, transformando o Municipal num grande baile black com “Vale Tudo”, “Você e Eu” e “Sossego”.

Os números musicais da noite seguiram com “Me Dê Motivo”, com Cida Moreira e Rico Dalasam; “Réu Confesso” e “Do Leme ao Pontal”, com Carlinhos Brown, Larissa Luz e Hiran; “Dia de Domingo”, com Zélia Duncan e Silva; e “Eu Amo Você”, com Céu e Xamã. No encerramento, a icônica “Não Quero Dinheiro”, com Iza, Pedro Sampaio, Márcio Victor e outros artistas que se uniram ao público numa noite em que o “resmungão” Tim não reclamaria do retorno.

OS VENCEDORES DA 31ª EDIÇÃO DO PMB

CANÇÃO POPULAR

DUPLA: Maiara & Maraisa

GRUPO: É o Tchan!

INTÉRPRETE - Canção popular: Gabriel Sater

INTÉRPRETE - Sertanejo: Roberta Miranda

LANÇAMENTO - Canção popular: João Gomes - Raiz (Produção: Top Eventos)

LANÇAMENTO - Sertanejo: Ana Castela - Boiadeira Internacional (Ao Vivo) (Produção: Eduardo Godoy)

MPB

GRUPO: Boca Livre

INTÉRPRETE: Rosa Passos

LANÇAMENTO: Jards Macalé - Coração Bifurcado (Produção: Jards Macalé, Romulo Fróes)

MELHOR CANÇÃO: Jards Macalé - Mistérios do Nosso Amor (Intérprete: Jards Macalé, Maria Bethânia / Compositor: Jards Macalé, Ronaldo Bastos)

MÚSICA URBANA

GRUPO: Àttooxxá

INTÉRPRETE: Iza

LANÇAMENTO: Jorge Aragão, Djonga - Respeita (Produção: Kevin, Jorge Aragão)

POP / ROCK

GRUPO: Mombojó

INTÉRPRETE: Marisa Monte

LANÇAMENTO: Ana Frango Elétrico - Me Chama De Gato Que Eu Sou Sua (Produção: Ana Frango Elétrico)

MÚSICA REGIONAL

DUPLA: Lourenço & Lourival Falamansa

INTÉRPRETE: Alceu Valença

LANÇAMENTO: Lia de Itamaracá - Dorme Pretinho (Produção: Pupillo)

REVELAÇÃO: Choro na Rua

SAMBA

GRUPO: Grupo Revelação

INTÉRPRETE: Xande de Pilares

LANÇAMENTO: Xande de Pilares - Xande Canta Caetano (Produção: Pretinho da Serrinha)

CATEGORIAS ESPECIAIS

PRÊMIO DO MÚSICO BRASILEIRO: Jaques Morelenbaum

LANÇAMENTO ELETRÔNICO: Urias - Her Mind (Produção: Maffalda, Brabo)

LANÇAMENTO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: Anitta - Funk Generation: A Favela Love Story (Produção: Brabo, Decz, Diplo, DJ Gabriel do Borel, Márcio Arantes, Ilya)

LANÇAMENTO ERUDITO: Orquestra Sinfônica Do Estado De São Paulo - Sinfonia dos Orixás & Pequenos Funerais Cantantes (Produção: Ulrich Schneider)

PROJETO ESPECIAL: João Gilberto - Relicário: João Gilberto (Ao Vivo no Sesc 1998) (Produção: Sesc São Paulo)

MÚSICA INSTRUMENTAL

GRUPO: Choro na Rua

SOLISTA: Armandinho Macedo

LANÇAMENTO: Yamandu Costa, Armandinho Macedo - Encontro das Águas (Produção: Yamandu Costa, João Falcão Neto)

PROJETO AUDIOVISUAL

Martinho Da Vila, Chico César - Acender as Velas (Direção: Philippe Rios)

CRÍTICA / TEATRO / ÂNIMA

Divulgação

E fêz-se a lux

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

A ânima e o animus são descritos na escola de psicologia analítica de Carl Jung como parte de sua teoria do inconsciente coletivo. Jung descreveu o animus como o lado masculino inconsciente de uma mulher, e a ânima como o lado feminino inconsciente de um homem, cada um transcendendo a psiquê pessoal. É dessa premissa, de como as mulheres são capazes de iluminarem seu tempo e os posteriores, que “Ânima” constrói um espetáculo capaz de mostrar a força absoluta da mulher.

A visão de mundo e a ação de mulheres de vários tempos e culturas- Joana d’Arc, Hipátia de Alexandria, Marguerite Porete, Helena Blavatsky, Harriet Tubman e Simone Weil - foi a escolha da autora Lúcia Helena Galvão que tem Beth Zalcman, em uma atuação excepcional, como a fiadora que une todas as pontas.

A encenação de Luiz Antônio Rocha é uma sucessão de



acertos. A iluminação é um personagem que, durante todo o tempo das diversas personagens, cria mais do que um diálogo. É capaz de ressignificar a corriqueira expressão “dar à luz” para maternidade” e criar um espaço cênico de uma beleza rara.

Há que se destacar que tudo que gira em torno da interpretação de Beth Zalcman, alias interpretações, posto que são várias personagens, várias vozes, vários corpos, as transformações, incluindo a tecelã/narradora, faz que o solo seja uma multiplicidade de prazeres.

Cada detalhe, cada palavra, cada canção, cada objeto cênico que são as cordas que sobre, descem, manipuladas, fazem a experiência de assistir à Ânima ser uma oportunidade de vivenciar o melhor do que chamamos de artes dramáticas. Um espetáculo que traduz a mensagem, de forma clara e objetiva, da intenção do autor ao mes-

mo que a beleza do elementos cênicos fazem de “Ânima” uma verdadeira festa de um ritual de mostrar que a mulher é maior força, e luz, da Terra.

Beth Zalcman tem atuação excepcional, como a fiadora que une todas as pontas do espetáculo

SERVIÇO**ÂNIMA**

Teatro Fashion Mall (Estrada da Gávea 899, 2º piso, São Conrado)

Até 30/6, às sextas e sábados (20h) e domingos (19h) | R\$ 120, R\$ 60 (meia) e R\$ 70 (Vivo)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Um Romeu periférico

Realização d’A Adorável Companhia, “Eu, Romeu” reconta o clássico de William Shakespeare, colocando em cena Marcelo Camelo, ator preto e suburbano, para discutir estereótipos e preconceitos. Premiado em vários festivais pelo Brasil, o espetáculo que circulou por 10 cidades faz primeira temporada na Cidade do Rio de Janeiro. De 14 a 29 de junho, no Teatro Glauce Rocha - Funarte, Centro do Rio, a 50 metros da Estação Carioca do Metrô, com ingressos a preços populares e intérprete de Libras em todas as sessões.

Sivia Patrícia/Divulgação



Divulgação

**A saga do palhaço**

Aos domingos 16, 23 e 30 de junho, a palhaça Lila Risos conta o percurso do palhaço Duka para virar mágico, no Teatro Carlos Werneck, no Aterro do Flamengo. Lila usa a técnica de contação de histórias para falar da aventura do palhaço Duka na Índia ao encontrar um livro poderoso, mas muito perigoso também, escrito pelo mágico dos mágicos, o grande Zolkan. A peça mostra aprendizado do palhaço, dos primeiros truques à verdadeira magia. As apresentações acontecem às 10h e, no dia 30, após o espetáculo, haverá também Oficina de Circo.

Bia Póvoa/Divulgação

**Demolindo preconceitos**

“Menina Mojubá”, agora no Teatro Dulcina, conta a história de uma criança que cresceu na rua, conheceu as durezas da miséria, foi exposta a caminhos ilegais e esbarrou em um cortiço onde conheceu a maldade humana, mas ela carregava em si uma força ancestral que a fez rainha no mundo espiritual. Partindo do princípio de que a falta de conhecimento é o que sustenta a intolerância religiosa, a peça coloca a existência de uma entidade de origem afro-brasileira no coração do debate, com o objetivo de questionar e desconstruir preconceitos.

SHOW**LIAH SOARES**

*A cantora, compositora e multi-instrumentista apresenta no show "Roberto Carlos em Bossa & Jazz" um passeio pela obra do Rei com direção, produção e arranjos de Roberto Menescal. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910). Sex (14), às 20h. A partir de R\$ 60

ORDINARIUS

*Comemorando 15 anos de carreira, o grupo vocal apresenta o show inédito "Ordinarius 15 anos". No repertório, um passeio pelo choro, samba, MPB e sucessos internacionais (Rua 15 de Novembro, 35 - Centro). Sex (14), às 20h. R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

ORQUESTRA CARIOCA DE FLAUTAS

*A Série Música no Assyrio traz os músicos da Orquestra Carioca de Flautas. Com um repertório variado, o grupo apresenta composições e arranjos de música brasileira, com destaque para a compositora Aurea Regina Coelho. Teatro Municipal (entrada pelo Boulevard da Treze de Maio). Dom (16), às 11h. R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

DIVINA VALÉRIA

*A cantora sobe ao palco do Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33) neste dom (16), às 18h30, encerrando a Semana do Orgulho LGBTQIA+. No espetáculo, canções que fizeram parte de sua história, incluindo obras de Edith Piaf, Gonzaguinha, Vinicius de Moraes e Angela Ro Ro. Entre R\$ 35 (meia) e R\$ 100

DANÇA**NOITE TORTA**

*A dança e a música eletrônica formam o universo do espetáculo da Cia. Hugo Lopes, com Hugo Lopes e as bailarinas Alice Alves e Paula Feraso. Centro Cultural Espaço Tápias (Rua Armando Lombardi, 175- Barra da Tijuca). Sáb (15) e dom (16), às 19h. R\$ 55 e R\$ 27,50 (meia)

TEATRO**PRIMA FACIE**

*Fenômeno mundial, o espetáculo chega ao Brasil com Débora Falabella em seu primeiro solo. Texto mostra os dilemas de uma advogada que tem como clientes acusados de abuso sexual. Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória). Até 30/6, de qui a sáb (20h) e dom (18h). Entre R\$ 50 (meia) e R\$ 150



Cia Hugo Lopes

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Marian Starosta/Divulgação



Orquestra Carioca de Flautas

LÍNGUA

*Com direção de Vinicius Arneiro, o espetáculo leva à cena uma trama criada em português e em Libras para refletir sobre os impasses de comunicação universais. Até 30/6, de qui a dom (20h30) no Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 7,50 (associado Sesc)

O QUE VÃO DIZER DE NÓS

*As relações de casais LGBTQIAPN+ entre quatro paredes, vistas pelo buraco da fechadura, são o tema da peça com apresentação única no Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33). O espetáculo é uma releitura de "La Ronde", de Arthur Schnitzler, sob a direção de Miwa Yanagizawa e Luisa Friese. Sáb (15), às 19h30. Entre R\$ 35 (meia) e R\$ 80

Leandro Lima/Divulgação



Liah Soares

Renato Mangolin/Divulgação



Língua

Divulgação



R[existência]

INFANTIL

SANCHO PANÇA, O FIEL ESCUDEIRO

* Protagonizado pelo potiguar Palhaço Piruá, espetáculo parte da dramaturgia do argentino Walter Velázquez numa história de comicidade e sensibilidade. Até 7/7, sáb e dom (16h) no Teatro I do Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539). Infantil: R\$ 10, R\$ 5 (meia) e R\$ 2 (associado Sesc) | Adulto: R\$ 30, R\$ 15, R\$ 7,50 (assoc. Sesc) e grátis (PCG)

LEITURINHAS

* Neste domingo (16), às 15h, acontece a 5ª edição do projeto com uma interpretação dramática do livro "Led Eduardo em: o Fazedor de Sonhos". Centro Cultural Espaço Tâpias (Rua Armando Lombardi, 175- Barra da Tijuca). Grátis

Divulgação



Cine Jardim

Divulgação



R[existência]

EXPOSIÇÃO

DOS BRASIS

* O Sesc Quitandinha (Av. Joaquim Rolla, 2 - Petrópolis) recebe a exposição "Dos Brasis - Arte e Pensamento Negro", dedicada à produção de artistas negros reunindo 314 obras. Ter a dom e feriados (10h às 17h). Até 27/10. Grátis

R[EXISTÊNCIA]

* Em sua 2ª edição, a exposição transforma a resistência em arte Reunindo mais de 30 artistas periféricos com o objetivo é trazer visibilidade às novas faces que fazem acontecer a arte brasileira. Crop Studio (Box 68, dentro do complexo Freeway - Av. das Américas, 2000 - Barra da Tijuca). Sáb (15), das

16h às 21h. R\$ 15, com parte do valor destinado ao projeto social Borel Art.

ARAPUCA

* Os artistas visuais Ricardo Siri e Deborah Engel assinam uma exposição que colocando em evidência as intrincadas teias da vida cotidiana e da criatividade compartilhada. Até 9/7 no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (Rua Luís de Camões, 68 - Centro). Seg, qua e sex (14h às 20h) e ter, qui, sáb e feriados (10h às 18h). Grátis

LUZES DA COREIA

* Um mergulho em uma das mais populares tradições culturais coreanas a partir da experiência imersiva com instalações. As milenares lanternas coloridas de seda dialogam com elementos cenográficos contemporâneos. Até 25/8 no Museu de Arte Contemporânea (Mirante da Boa Viagem, s/nº, Boa Viagem, Niterói). De ter a dom (10h às 18h). R\$ 16 e R\$ 8 (meia).

SER MULHER

* A artista plástica Carla Carvalhosa traz pinturas e esculturas com material de reuso representando os diversos papéis desempenhados pelas mulheres. Até 15/6. Centro Cultural Correios RJ (Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro). Grátis

AUDIOVISUAL

CINE JARDIM

* Sob as estrelas do Jardim Suspensão do Valongo, o projeto realizará exposições de filmes que destacam protagonismos de pessoas negras, LGBTQIAAPN+ e PcDs. Neste sábado (15), às 19h, projeção do documentário "Cidade de Deus: 10 Anos Depois", seguida de bate-papo com os diretores Cavi Borges e Luciano Vidigal. Grátis

EVENTO

ARRAIÁ SESC RJ

* Maior circuito de festas juninas do estado, o Arraiá Sesc RJ 2024 vai acontecer entre 8/6 e 14/7. Serão 35 festas em 13 cidades, entre unidades e hotéis do Sesc e espaços parceiros. O arrasta-pé vai contar com brincadeiras e barracas com comidas típicas, quadrilhas e shows. Ingressos a preços populares.

ENTREVISTA / ALÊ ABREU, ANIMADOR

'Os filmes são parte do que expressamos para o mundo'

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Ao assumir uma perspectiva histórica sobre a produção de animação no país como seu foco, a CineOP – Mostra de Cinema Ouro Preto, que realiza sua 19ª edição dos dias 19 a 24 deste mês, decidiui prestar sua homenagem anual a um realizador que levou o Brasil para a marca do Oscar. Com o lúdico “O Menino e o Mundo”, Alê Abreu fez Hollywood reverenciar a forma como o Brasil anima.

Ao comemorar os dez anos da vitória de seu longa-metragem mais famoso no Festival de Annecy (a Cannes das animações), o diretor paulista de 53 anos passa em revista as preocupações estéticas de sua obra. O respeito pelo olhar alheio é sua bússola, sem jamais subestimar sua plateia, seja ela de dentes de leite ou de bocas banguelas, seja ela nacional ou estrangeira. Seu currículo traz curtas-metragens que fizeram a festa do saudoso Anima Mundi, como “Espantinho” (1998), e também longas sobre descobertas na infância, entre eles “Garoto Cósmico” (2008) e (o memorável) “Perlimps” (2022).

Na entrevista a seguir, Alê faz um balanço de suas inquietações em relação à arte de animar e antecipa detalhes de um novo projeto.

De que forma você percebeu o olhar da indústria animada internacional sobre a produção brasileira, em sua trajetória de filmes lançados no exterior e mesmo no Oscar? Que lugar existe para o Brasil no cenário da animação mundial e que lugar você busca para si nessa cena?

Alê Abreu: No Oscar, o contato que tive com os diretores de lá sinalizou um respeito pela liberdade autoral que temos aqui. Mas há pouca relevância de nossa animação por lá. Creio que na cena da animação independente da Europa há um olhar para nós: o Brasil já conquistou prêmios em Annecy, já foi o país homenageado naquele festival e tem filmes e projetos em coprodução. “O Menino e o Mundo” foi lançado em diversos países da Europa e bateu os 500 mil ingressos em cinemas na França. Ainda na Europa, tivemos algumas tentativas de coprodução de “Perlimps” com França, Dinamarca e Luxemburgo. O que só não foi possível pelo protecionismo que eles têm. Gosto de pensar que os filmes são parte do que expressamos para o mundo. É o onde é quando vivemos absorvido pelo artista e devolvido ao mundo através da arte.



Leo Lara/Divulgação

Como funcionam hoje as engrenagens para quem vive de animar no Brasil? O que há para ser mudado? O que pode melhorar?

A animação se nutre dos mecanismos de incentivo e políticas públicas do audiovisual, de maneira geral. Creio que depende delas, como todo cinema independente.

Com isso crescemos muito nos últimos anos, principalmente as séries.

Qual é a noção de “infanto-juvenil” ou de family film que norteia o seu cinema e de que maneira você pensa a criança como receptora das suas imagens?

No processo de criação não há como parar pra pensar em filme para este ou aquele público. É algo que já faz parte da natureza do artista, como um tom ou frequência por onde ele se expressa. Penso que se um filme não possui nada que o torne proibido para menores, então é também um filme para crianças. E por mais que seja difícil o entendimento, se suscita nelas bons questionamentos, é bom para seu crescimento, para o dialogo entre a família etc. Assisti ontem ao filme “A Última Floresta” - do produtor de “Perlimps”, Luiz Bolognesi - com meu filho de 7 anos. João assistiu curioso e concentrado aos indígenas encenando seus mitos.

A 19ª CineOP, em Ouro Preto, celebra sua voz lúdica como autor. Qual é o Brasil que ecoa nessa voz?

Quando cheguei na França com “O Menino e o Mundo” ouvia dizer que era um filme “tão brasileiro”, algo que se via claramente “no desenho, nas cores”. Coisas que não percebo até hoje. Talvez seja uma leitura mais fácil para quem é de fora. Às vezes, ouço brasileiros falarem que a nossa animação é marcada por vários estilos, o que é bom por um lado. Ao meu ver ainda estamos buscando responder a essa questão, e os vários estilos são o reflexo da busca por um lugar, de cada artista, mas também da animação brasileira como um todo. Creio que países que têm uma indústria forte passaram por este processo. Por outro lado, o desafio é não perder a liberdade.

O que vem pela frente? Que novos projetos estão por vir?

Estou em pleno desenvolvimento de meu novo filme. Finalizando o storyboard, ao lado de Viviane Guimarães, que foi assistente de direção em “Perlimps”. Mergulhei de volta no universo de “O Menino e o Mundo” para realizar um derivado cuja história dialoga, além da estética, com o olhar na política e na história do continente daquele primeiro. A Chatrone é nosso produtor no Brasil, nas figuras de Rodrigo Olaio e Carina Schulze, e tudo indica que será uma coprodução com o Canadá.

Jens Koch

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Shyamalan cada vez mais eletrizante

Numa trajetória ascendente com o público e com a crítica desde 'A Visita' (2015), o diretor indiano regressa com 'Armadilha'

A pergunta é qual grau de adrenalina e de loucura atinge as veias de um psicopata que leva uma vida de fachada e, num belo dia, ao levar a filha a um show, percebe que o evento é uma arapuca para prender um serial killer cuja identidade a polícia almeja descobrir, embora tenha certeza absoluta de que ele está lá? É essa a pergunta central de "Armadilha" ("Trap"), novo exercício da autoridade do indiano radicado na Filadélfia Manoj Nelliattu (M. Night) Shyamalan, hoje com 53 anos.

Com estreia marcada para 9 de agosto, o longa-metragem estrelado por Josh Hartnett faz ferver a expectativa de cinéfilos em torno de um diretor que desde 1999, quando lançou "O Sexto Sentido", é encarado como um mestre do assombro e um rei das viradas de roteiro. Ele ainda está nos créditos de "Os Observadores", de sua filha, Ishana Shyamalan.

Cotado para lotar salas de exibição, "Armadilha" é o segundo trabalho de Shyamalan desde que ele presidiu o júri do Festival de Berlim, em 2022, quando entregou o Urso de Ouro à catalã Claire Simon por "Alcarràs", que estreia este mês na MUBI. Antes, ele lançou "Batem à Porta", em 2013. "Eu tento sempre encontrar ritmo, até quando busco seguir as relações afetivas e encontrar o coeficiente de descontrole na dinâmica das interações", disse o diretor, em uma palestra que concedeu na TV Globo, em 2015, explicando o que espera da arte: "Eu almejo o inusitado".

Na época, ele veio lançar o seriado "The Wayward Pines", hoje em cartaz na plataforma Star+, e deu uma palestra nos Estúdios Globo sobre a arte de dirigir enredos pautados pelo medo e pela fantasia. "Uma vez, passeando de carro numa esquina pertinho de onde eu moro, na Filadélfia, tive que ultrapassar um carro, que estava bloqueando a rua, e segui adiante, numa boa, até que o cara me fechou, com uma atitude assustadora, cobrando que eu passei à sua



Divulgação

Josh Hartnett estrela o esperado 'Armadilha', novo longa do indiano (M. Night) Shyamalan, em que um psicopata é cercado num show

frente. Era tão furioso que eu percebi o quanto o horror nos espreita mesmo nas situações mais cotidianas", disse o cineasta, que faturou aos tubos com seu longa anterior, "Tempo" ("Old"), uma produção de US\$ 18 milhões que arrecadou cerca de US\$ 90 milhões.

Seu faturamento foi uma prova do quanto Shyamalan soube se adaptar às realidades dos temas e das patrulhas morais para preservar sua fama como um campeão de bilheterias. Fama que já se perdeu, passando uma década distante de sua rotina, entre 2006 e 2014, até ele conseguir se reinventar. Mas, a reinvenção é uma arte na qual ele é um mestre. Depois de ter caído em desgraça com o injustiçado "A

Dama na Água" (2006), ele amargou cerca de dez anos da mais peçonhenta rejeição até se recriar a partir da televisão, com "Wayward Pines" (2015), apoiado no carisma de Matt Dillon. Ali, após uma fase de blockbusters aos quais o público tinha a mais dura indiferença, ele redescobriu o prazer de filmar com baixo orçamento e pura liberdade. Foi essa a sua realidade em "A Visita" (2015), um exercício autoral da carpintaria do susto, com o qual ele redescobriu as manhas do terror a partir das quais havia despontado para o estrelato, com o já citado "O Sexto Sentido" - que custou US\$ 40 milhões e faturou US\$ 672 milhões. De volta às veredas do temor e do tremor, onde seu nome virou

grife, ele se reencontrou, na plenitude de sua potência estética, e recuperou a tarimba de abocanhar gordas bilheterias, com um soberbo trabalho díptico: "Fragmentado" (2017) e "Vidro" (2019). Os dois formam uma trinca com "Corpo Fechado" (2000) e vieram carregados de elogios, a maioria voltados para a condução febril do enredo sobre um sujeito com 23 personalidades que sequestra três moças e acaba atraindo as atenções de um vilão chamado Sr. Vidro (Samuel L. Jackson).

A medida de seu sucesso se dá em números: esses seus dois últimos longas arrecadaram um total de meio bilhão de dólares, juntos: US\$ 548 milhões. Ecos de "Psico-



se" (1960) trovejam narrativa adentro, fazendo justiça à comparação entre Shyamalan e a práxis cinematográfica de Hitchcock, no que envolve a opção por sugerir em vez de escancarar, de criar clima ao invés de apelar para um grafismo pornográfico da violência. Viradas de roteiro - o trunfo de seus primeiros filmes - ficaram para trás. É na imagem que ele encontra o diferencial de narrativa e de sedução, como sugere o trailer de "Armadilha".

Há uma frase seminal em "O sexto sentido", mais sutil e lúdica do que o desabafo que o celebrizou ("I see dead people!"), na qual se aprende: "Na vida, algumas magias podem ser reais". Nos últimos 20 anos, período no qual estabeleceu-se como um dos realizadores mais ousados de Hollywood, mesmo quando a Meca do cinema o esnobou, Shyamalan - nascido em Mahé, Pondicherry, na Índia, em 1970 - nunca abriu mão da crença no mágico, no fantástico, no ilusório. Até "Sinais" (2002), com Mel Gibson, a fantasia tinha lugar encantador em sua filmografia. Depois de "A Vila" (2004), sua obra-prima, ilusão passou a simbolizar opressão em seu autoralíssimo cinema, de uma carpintaria que sempre se apegou a sutileza. Não por acaso, seu olhar passou a gravitar para o suspense. Em Shyamalan, tempo é incerteza. "Tempo", o filme, seu filme, é uma iguaria. Das mais saborosas. O mesmo se deu com "Batem à Porta". O mesmo se espera de "Armadilha".

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Em apuros no mundo todo, represada pelas patrulhas do politicamente correto, a comédia vive dias amargos sobretudo no Brasil, pátria da chanchada, incapaz de performar nas bilheterias da mesma forma gloriosa com que se comportava até bem pouco tempo, antes da pandemia. Não há mais infalibilidade nas fórmulas de outrora. Há sopros de resistência no filão aqui e acolá, mesclados a regionalismos (“Cine Holiúdy”) ou a grifes longevas (caso do esperado “Mallandro – O Errado Que Deu Certo”).

Nesse cenário de tentativas e erros, um diretor de perfil anfíbio no trato com cartilhas de gênero, Diego Freitas, conhecido pelo thriller “O Segredo de Davi” (de 2018), vem se destacando aos olhos da crítica com o caliente “Tire 5 Cartas”. Essa delícia acaba

CRÍTICA / CINEMA / TIRE 5 CARTAS

Comédia para gostar de rir



Divulgação

Lilia Cabral e Stepan Nercessian vivem um casal nas raias da pilantragem

de chegar ao catálogo da Rede Telecine. Seu humor tem um quê amodovariano, nada comportado,

que desafia o moralismo atual.

Lilia Cabral se livra de qualquer lastro de Mãe Coragem ou

de vilã que traga da TV na construção de um papel sem amarras: a (falsa) cartomante Fátima.

Antes de sabermos quem ela é ou o que busca, há que se destacar a exuberante maquiagem do filme, numa caracterização que aposta numa paleta retinta de pigmentos. A fotografia de Victor Alencar realça esse colorido rebuscado, que se estende às belezas do Maranhão, onde a trama se passa.

É lá que Fátima vai se esconder depois de um quiprocó em Copacabana envolvendo uma joia e a ação de dois criminosos, vividos por Allan Souza Lima e (um hilário) Gabriel Godoy. Ela foge para se reencontrar com parentes, levando consigo o marido, um cantor que faz cover de Sidney Magal, Lindoval, papel confiado ao Jack Lemmon de Goiás, Stepan Nercessian. Ele nos dá um de seus mais inspirados desempenhos.

Cada virada de roteiro - mesmo as que flertam com o diabo da obviedade - ganham viço na tela, numa narrativa de peripécias que conversa com a tradição da comédia de costumes.

CINESTREAMING

POR RODRIGO FONSECA



Matador de Aluguel

MATADOR DE ALUGUEL (“Road House”, 2024), de Doug Liman: Doze anos depois de criar a franquia “Jason Bourne”, com Matt Damon, o realizador do cult “Swingers: Curtindo a Noite” (1996) se debruça sobre um marco do cinema de ação, estrelado por Patrick Swayze (1952-2009). Muda muiiita coisa do projeto original. Mas conta com um inspirado Jake Gyllenhaal no papel principal. Onde Ver: Amazon Prime



Radioactive

RADIOACTIVE (2019), de Marjane Satrapi: Depois de laureada carreira como animadora e quadrinista, a autora da HQ “Persépolis” surpreendeu com este épico científico de tom feminista sobre os feitos da química polonesa radicada Marie Sklodowska-Curie (1867-1934). Rosamund Pike tem uma impecável atuação encarnando a cientista e recebeu o prêmio de Melhor Atriz no Festival Barcelona-Sant Jordi por sua atuação. Onde ver: Netflix



Que Bom te Ver Viva

BARBIE FAIRYTOPIA: MERMAIDIA (2006), de William Lau e Walter P. Martishius: Não se trata da “Barbie”, de Greta Gerwig, mas, sim, de uma animação eletrizante derivada do universo da boneca mais famosa do mundo. Na trama, a jovem Elina embarca em uma aventura debaixo d’água. Com a ajuda da sereia Nori, a Fada do Campo precisa salvar o príncipe tritão Nalu, que foi sequestrado pela cruel Laverna. Onde ver: Globoplay



Medida Provisória

QUE BOM TE VER VIVA (1989), de Lúcia Murat: Um marco do docudrama latino, coroado com o troféu candango de melhor filme, montagem e atriz (Irene Ravache) em Brasília, no fim dos anos 1980. A partir da mistura dos delírios e fantasias de uma personagem anônima com depoimentos de oito ex-presas políticas brasileiras, o filme aborda a tortura durante a ditadura no Brasil. Onde ver: MUBI

MEDIDA PROVISÓRIA (2020), de Lázaro Ramos: Esta distopia rendeu ao ator baiano, estreante na direção de longas, o Prêmio Especial do Júri no Festival do Rio, em 2021. Na trama, o governo brasileiro decide deportar toda a população negra do Brasil para a África. Mas o advogado Antonio (Alfred Enoch); sua namorada, a médica Capitu (Taís Araújo); e o jornalista André (Seu Jorge) decidem ficar e resistir. Onde ver: Globoplay

Fotos/Divulgação



Perrengues e conquistas dos infernos

Grife mais inventiva dos gibis da década de 1990, 'Spawn' ganha sobrevida no Brasil em quadrinhos da Panini, mas pena para brilhar nos cinemas em projeto com Jamie Foxx

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Está por um fio o projeto de longa-metragem do anti-herói Spawn, com Jamie Foxx, que o quadrinista Todd McFarlane acalenta há quase duas décadas. Se o roteiro não ficar pronto a tempo, a produção de Jason Blum pode retirar seu apoio ao projeto. Mas o jogo pode mudar para o personagem que foi um fenômeno de vendas nos anos 1990 e que, nas próximas semanas, vai ganhar um uniforme novo em sua revista mensal nos EUA. No Brasil, as boas novas são duas linhas de HQs com a marca Spawn. Uma resgata as tramas clássicas do personagem em edição encadernada. A outra é um compilado com tramas inéditas na fase mais recente de Al Simmons (a identidade do vigilante).

“ O Spawn exige um orçamento maior do que o dos meus filmes de terror, custando cerca de US\$ 50 milhões, para assegurar bons efeitos visuais, que façam jus ao quadrinho”, disse Blum ao Correio da Manhã no Festival de Locarno, na Suíça.

Toda essa agitação audiovisual amplia o interesse pela edição da Panini, com 160 páginas de tramas escritas por McFarlane, ilustradas por Jason Shawn Alexander. Artistas convidados que já ilustraram Spawn – como Greg Capullo, J.Scott Campbell, Jerome



Desenho animado do vigilante infernal está na grade da HBO Max e as bancas contam com bons títulos do personagem criado por Todd McFarlane



Opeña – vão estar lá. Há ainda uma edição à venda no www.panini.com.br narrando um encontro entre o Soldado do Inferno e o Batman.

Ao fim da pandemia, em 2021, a vida do personagem de HQs mais simbólico da revolução visual (e anatômica) da indústria gráfica da década de 1990 foi repaginada com a chegada do arco “GunSlinger”. O título, que já dispõe de uma revista só dele, faz referência a um novo e feroz anti-herói concebido para trazer elementos de faroeste a um universo de fantasia no qual ação e terror caminham próximos: o pistoleiro Javier. A figura renovou a mítica do gibi criado há 32 anos por McFarlane, que hoje é o dono da maior linha de action figures, ou seja, bonecos para colecionadores adultos do mundo. Essa saga aproximou a grife Spawn da busca do mercado editorial dos EUA por vigilantes de origem hispano-americana.

Lá fora, nos EUA, de cara, as batalhas de Javier contra agentes das trevas e anjos de má índole saem pelo selo Image Comics e venderam 385 mil unidades em sua arrancada, o que representa um best-seller. É uma narrativa escrita pelo próprio McFarlane, com Aleš Kot, e desenhos de Kevin Keane, Brett Booth, Adeldo Corona e Philip Tan, com cores de Ivan Nunes, num tom de western à la Clint Eastwood.

Javier, o GunSlinger Spawn, é um pistoleiro que teve seu corpo e sua alma amalgamados a uma força infernal que dá a ele numerosos poderes (sem contar a ampliação de seu gatilho infalível) num Velho Oeste assolado de assombrações. Na atual safra de aventuras de Javier, ele vem ao nosso presente, onde enfrenta o demônio Violador (um palhaço assassino) e se une ao Spawn do nosso tempo, o já citado Al Simmons.

Nos anos 1990, houve uma série de animações com Simmons, que hoje pode ser vista na HBO Max, trazendo o vozeirão de Keith David na boca de Al. Lá está também um filme de 1997, dirigido por Mark A.Z. Dippé, no qual Michael Jai White viveu Simmons. O longa faturou 87 milhões em sua carreira comercial.

No Brasil, em 2022, a New Order Editora (<https://newordereditora.com/>) lançou um belo encadernado para celebrar as três décadas do personagem. É uma coletânea chamada “Hellspawn”, com arte de Ashley Wood e Ben Templesmith e tramas de Brian Michael Bendis e Steve Niles, reunindo 16 edições do gibi americano de Simmons, uma figura que revolucionou os quadrinhos.

Há três décadas, a indústria das HQs, acostumada a vigilantes brancos, tomou um baita baque quando leu as aventuras (de timbre antirracistas) de Al Simmons, um fuzileiro naval americano preto. Ele trabalhava para a CIA em missões sigilosas, e, ao ser morto em combate e descer Inferno abaixo, firmava um pacto com um demônio para regressar à Terra. Sua volta tinha um motivo: manter-se perto de seu grande amor, Wanda. Mas o diabo Malebolgia, traiçoeiro, engana Simmons. O acordo que fez era uma desculpa para que o militar, cheio de proficiências bélicas, fosse transformado num soldado perfeito para as forças das trevas desafiarem a hegemonia de Deus e sua horda de anjos. Ele, ali, deformado pelo fogo infernal, ganhou um traje mascarado, uma capa viva, capaz de servir de arma, e uma série de superpoderes. Nascia ali um novo Spawn, a semente do Mal, renovando uma linhagem de acólitos das Sombras. Mas, por sua paixão, Simmons se revolta, abrindo precedente para uma cruzada, de tons antirracistas.

Limpemos as gavetas

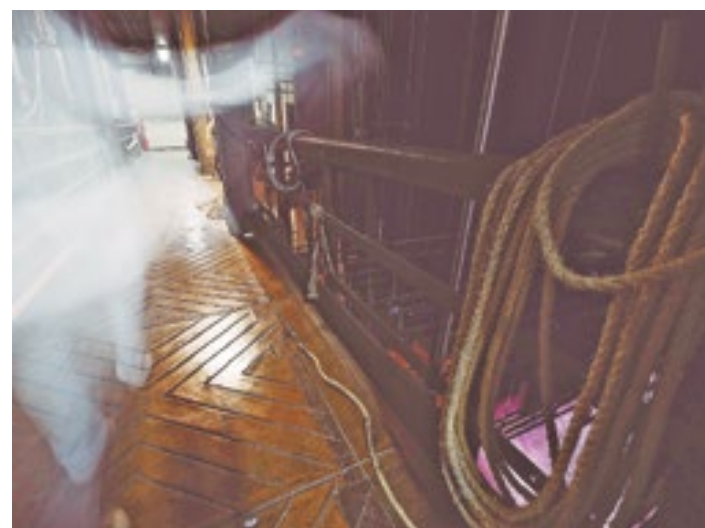
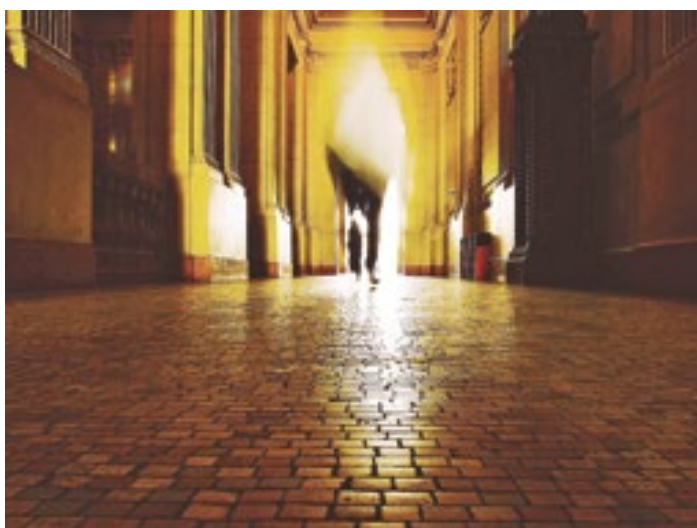
1ª PARTE

Gavetas são, muitas vezes, espelhos d'alma. Um entulhado de papéis amarelados pelo tempo, objetos inúteis e memórias dispensadas no fundo de um armário qualquer, na cômoda do quarto, na escrivaninha do escritório ou na mesa de cabeceira da alcova. Nelas vão sendo depositadas as lembranças do que fomos em algum momento. Hora por outra arrancamos de nosso peito tão estranhas reminiscências como numa anamnese, rasgamos o espartilho que nos amordaça, cinto do passado e travazamos tudo que nos aperta, nos sufoca e nos traz lembranças de um passado desnecessário.

Limpar uma gaveta é como tornar nossa história latente. Encontrar uma conta paga há mais de um par de anos, um extrato do cartão de crédito ora inexistente que apresenta valores defasados, carcomidos pelo tempo e pela inflação. Viagens realizadas, almoços em espaços românticos com vieses apaixonados, asas partidas, casas esquecidas. Lembrar daquele beijo na sessão do Roxy ou do Rian e do cantinho gostoso da Cirandinha para o lanche com waffles, mel e manteiga, chá com torradas servidos por impecáveis garçons, trajando seus paletós beges trespassados.

Anotações em velhas agendas, diários oculares que hoje embrulham o peixe da vida atrás. Anotações inúteis em pequenos pedaços de papel que de nada servem porque sequer sabemos seu significado. Tiveram serventia um dia. Objetos sem serventia, empoeirados pelo tempo da razão ou do obsoletismo, lá estão, jazem inúteis, quase peças de antiquários, quiçá museus.

Aparelhos quebrados e prometidos ao concerto que nunca veio e para onde nunca foram. Quinquilharias como o velho radinho de pilhas que, muitas vezes, foi companhia solitária naquela derrota do América para o Bangu em pleno Maracanã. Objetos que, pelo diminuto tamanho, não poderão preencher o vazio da 'Kombi do ferro-velho' que atormenta diariamente nossos ouvidos com o apregoo da limpeza de sua garagem ou quintal. Devia haver uma 'Kombi da gaveta cheia'. São tantas coisinhas miúdas: clips amassados, grampos sem pressão, elásticos que tempos atrás alinhavam madeixas e perderam a liga, canetas sem tinta, lápis sem crayon. Tudo lá,



no fundo falso da ilusão perdida.

Um cartão de crédito vencido que tantas contas pagou, dinheiro de plástico impecavelmente limitado a míseros trocados

recusados. Lá está ele, da soberania da carteira ao esquecimento tardio da não mais-valia. Antagônico valor e desvalor, supérfluo cidadão presente que tantos presentes

trouxe e a canastrinha de surpresas, no fim do mês, com a conta apresentada, Caixa de Pandora assustadora.

Continua (...)

Lipe Borges/Divulgação



Da Tháбата

André Queiroz/Divulgação



Pato com Laranja

BARDO ADÃO – Diante do sucesso do ano passado, o bar resolveu incrementar novamente o cardápio com sabores típicos juninos em seus famosos pastéis. No menu destacam-se os recheios de: doce de leite com paçoca e doce de leite com coco e queijo coalho. Cada pastel custa R\$ 10,90. Rua Duviervier, 101 - Copacabana. Tel: (21) 3208-3911.

CHOCOLATE LUGANO – A casa preparou novidades especiais juninas para o cardápio das cafeterias. Entre as opções estão o Bolo de Vó de Paçoca (R\$ 15,90), um tradicional bolo de vó em uma versão feita com paçoca e finalizada com calda de doce de leite; o Café Junino (R\$ 26), café expresso duplo finalizado com a crema do leite, borda de doce de leite e paçoca e o Bolo Arraiá (R\$ 28), feito com pão de ló com camadas de cocada cremosa e creme de doce de leite, finalizado com uma porção de paçoca. Av. das Américas, 4666, 1º piso, Loja 172 - BaraShopping. Tel: (21) 97729-3034.

DA THÁBATA - A tarteira Tháбата Tubino, proprietária da premiada boutique de tarta basca que leva seu nome, oferece sabores especiais para as festas juninas. Tem a de Milho Verde com Coco (R\$ 28, fatia / R\$ 154 P / R\$ 269 G), uma combinação clássica que promete conquistar os paladares, nas festividades juninas. No menu também é

Divulgação



Chocolate Lugano

Raphael Nogueira/Divulgação



Forneria Original

Delícias da roça

Veja um roteiro com as mais gostosas guloseimas de Festa Junina

Por **Natasha Sobrinho (@restaurants_to_love)** Especial para o Correio da Manhã

Com a chegada do mês de junho chegam também as festas juninas, e com elas as tão desejadas guloseimas da data. Os restaurantes e confeitarias não perderam tempo e também fizeram menus especiais com os sabores de junho. Têm opções que vão desde as tradicionais canjicas, arroz doce e bolo de milho até pizza e café expresso temático. Agora é só escolher sua comidinha favorita e fazer seu próprio arraiá! **Anarriê!**

Landau/Divulgação



Fábrica de Bolo Vó Alzira

possível encontrar a tarta de Paçoca (R\$ 28 fatia / R\$ 154 P / R\$ 269 G). Rua Marquês de São Vicente, 52 - Shopping da Gávea - 3º piso. Tel: (21) 97497-1991.

FÁBRICA DE BOLO VÓ ALZIRA – A marca lança bolos em versões

Divulgação



Talho Capixaba

exclusivas para as Festas Juninas. No menu destacam-se o Bolo Tradicional Pé de Moleque, com massa feita com paçoca e amendoim, coberta por calda de pé de moleque, feita de doce de leite e amendoim (R\$ 27 - P e R\$ 42 - G); o Bolo Recheado Pé de Moleque, com massa feita com paçoca e amendoim, re-

Divulgação



Bar do Adão

cheio de paçoca feito com leite condensado e cobertura de pé de moleque (R\$ 42 P e R\$ 59 G). Os lançamentos ficam disponíveis até julho. Rua Paulo Barreto, 25 – Botafogo. Tel: (21) 98687-4365.

FORNERIA ORIGINAL - A rede especializada no delivery de pizzas entrou no clima junino e acaba de lançar dois sabores para a temporada: carne seca com queijo (R\$ 135 – 30cm) e Cartola, com banana queijo coalho e canela (R\$ 79 – 30cm). Os lançamentos ficam disponíveis no cardápio até o dia 31/7. Pedidos: (21) 4063-5555.

TALHO CAPIXABA - A casa colocou no menu os seus diversos sabores da temporada, como: Canjica (R\$ 14,90); Curau (R\$ 14,90); Arroz Doce (R\$ 14,90); e Quindim (R\$ 11,90). Para os fãs de bolos, sugestões como o de Aipim com coco (R\$ 74,52 kg); e o tradicional Bolo de Milho (R\$ 90,75 kg). Rua Barão da Torre, 354 - Ipanema. Tel: (21) 3037-8638.

PATO COM LARANJA - O restaurante de gastronomia contemporânea asiática unfusion possui em seu menu uma sobremesa que tem a cara das festas juninas. Trata-se do bolo de aipim com doce de leite e sorvete de queijo (R\$ 38). Rua Dias Ferreira, 410. Tel: (21) 96777-0022.



RIO WINE AND FOOD FESTIVAL NO VILLAGEMALL

14 A 16/06
A PARTIR DAS 16:00

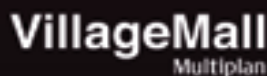
LOCAL
VILLAGEMALL

Avenida das Américas, 3.900 -
Barra da Tijuca, Piso L3 - Deck e
Lounge MultiVocê - Rio de
Janeiro

Realização



Parceiro oficial



Mídia Partners



Correio da Manhã

Apoio

